

# Themônias na Amazônia: uma jornada museológica sobre sustentabilidade, representatividade e reciprocidade

Jéssica Tarine Moitinho de Lima\*  
Paola Carolina Oliveira dos Santos\*\*

Recebido em: 19/08/2023  
Aprovado em: 12/12/2023

## Resumo

A investigação da temática LGBTQIAPN+ no contexto da museologia desempenha um papel fundamental na promoção da equidade, inclusão e apreciação da diversidade. Neste artigo apresenta-se o processo construtivo da exposição curricular *Themônias: a arte drag na Amazônia*, desenvolvida no curso de Museologia da Universidade Federal do Pará nos anos de 2022 e 2023. O objetivo deste estudo é analisar a concepção, a organização e o impacto da exposição, em um ambiente de aprendizado universitário, no contexto da promoção da igualdade, da inclusão e do respeito pela diversidade. A metodologia adotada envolveu a coleta de dados por meio de observação participante, entrevistas com os organizadores e visitantes, análise documental e pesquisa bibliográfica. Os resultados destacam a importância da exposição na criação de espaços seguros e acolhedores para a expressão *drag* na região amazônica, além de promover a visibilidade e a valorização da cultura LGBTQIAPN+.

## Palavras-chave

Museologia; LGBTQIAPN+; Expografia; UFPA; Exposição Curricular.

## Abstract

Exploring the LGBTQIAPN+ theme within museology is vital for fostering fairness, inclusivity, and embracing diversity. This article presents the developmental journey of the educational exhibition *Themônias: a arte drag na Amazônia* [Themônias: drag art in the Amazon], a project undertaken during the years 2022 and 2023 within the museology program at the Universidade Federal do Pará. The aim of this study is to assess the inception, arrangement, and influence of the exhibition in a university learning context, with a focus on advancing equality, inclusion, and respect for diversity. The methodology employed encompassed data collection via participant observation, interviews with organizers and attendees, document scrutiny, and bibliographic investigation. The findings underscore the exhibition's significance in establishing secure and inviting spaces for drag self-expression in the Amazon region. Furthermore, the exhibition plays a pivotal role in amplifying visibility and cultivating an appreciation for LGBTQIAPN+ culture.

## Keywords

Museology; LGBTQIAPN+; Expography; UFPA; Curriculum Exhibition.

---

\* Professora no curso de Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), é doutora em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Preservação de Acervo Científico pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins e bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Integra o Laboratório de Pesquisa em Reservas Técnicas na UFPA e desenvolve pesquisas sobre museus, acervos e patrimônios, com foco na gestão, conservação, documentação e comunicação museológica. E-mail: jessicatarine@ufpa.br. <https://orcid.org/0000-0002-2481-1225>.

\*\* Graduanda do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: paolacarinaoliveira@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0009-3685-9320>.

## Introdução

Este artigo insere-se na proposta do projeto de extensão universitária “A Representação da Comunidade LGBTQIA+ paraense por meio da museologia: uma proposta de curadoria compartilhada de exposição museológica”, desenvolvido em 2023, na Universidade Federal do Pará. O projeto visou integrar a teoria e a prática museológica para promover a igualdade, a inclusão e o respeito pela diversidade. Através de uma abordagem participativa, o estudo, assim como artigo, analisa a concepção, a organização e o impacto da exposição curricular *Themônias: a arte drag na Amazônia*. Desta forma, o objetivo deste artigo é analisar a concepção, a organização e o impacto da exposição em um ambiente de aprendizado universitário, no contexto da promoção da igualdade, da inclusão e do respeito pela diversidade.

Antes de iniciarmos as considerações gerais, vale descrever a conjuntura do local que sediou os eventos utilizados como estudo de caso neste artigo. A região amazônica é vasta e rica em biodiversidade. Sua localização está em grande parte no Brasil, mas também se estende por outros países da América Latina como Peru, Colômbia e Venezuela. A Amazônia brasileira abrange cerca de 60% do território nacional, com 4.200.000km<sup>2</sup>, e é considerada a maior floresta tropical do mundo.<sup>1</sup> Ela é o lar de povos indígenas que dependem da floresta para sua subsistência, sobrevivência cultural e manutenção do conhecimento natural das ligações com as relações ancestrais cosmológicas.<sup>2</sup> Aqui habitam diversidades, povos, culturas, indivíduos e coletivos que dialogam entre si.

Dentro do contexto amazônico, mais especificamente na cidade de Belém, no Estado do Pará, está localizada a Universidade Federal do Pará (UFPA), que foi criada em 1957, conta com mais de 58.000 alunos,<sup>3</sup> e é considerada a maior e mais conceituada universidade pública da região norte do Brasil, ocupando a 27<sup>a</sup> posição no Ranking de Universidades da Folha de São Paulo.<sup>4</sup> Em 2023, a UFPA se destaca entre as cinco universidades brasileiras e as quatrocentas mundiais que mais contribuem com os

---

<sup>1</sup> BRASIL. Presidência da República. *Plano Amazônia Sustentável: diretrizes para o desenvolvimento sustentável da Amazônia Brasileira*. Brasília: MMA, 2008.

<sup>2</sup> GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, amazônias*. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>3</sup> RIBEIRO, Jaciane do Carmo. *UFPA em números 2022: ano-base 2021*. Belém: EDUFPA, 2022.

<sup>4</sup> FOLHA DE S. PAULO. *RUF: Ranking Universitário Folha*. 2018. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2018/perfil/universidade-federal-do-para-ufpa-569.shtml>. Acesso em: 8 Jun. 2023.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), segundo o ranking internacional de impacto social do *Times Higher Education*.<sup>5</sup>

O curso de graduação em Museologia da UFPA foi oficializado em 19 de março de 2009, por meio da Resolução nº 3.843.<sup>6</sup> É o primeiro curso voltado à formação de profissionais em Museologia na Região Norte e continua sendo o único existente na região.<sup>7</sup> É parte das atribuições do museólogo e, portanto, inexorável ao currículo do curso de Museologia, planejar, organizar e executar exposições.<sup>8</sup> O curso da UFPA traz consigo a particularidade de estar sediado dentro da Faculdade de Artes Visuais e estar subordinado ao Instituto de Ciências da Arte, incorporando aos discentes, aos docentes e à equipe técnica, vivências e discussões atuais do campo das artes.

O percurso do ensino da Museologia teve início com a criação do Museu Histórico Nacional pelo Decreto nº 15.596, de 2 de agosto de 1922. Neste, previa-se a criação de um curso técnico de dois anos, cujas disciplinas seriam distribuídas entre as instituições já existentes, como o Arquivo Nacional e a Biblioteca Nacional, bem como o recém-criado museu.<sup>9:10</sup> Apenas 56 anos depois as exposições curriculares foram incorporadas aos currículos do Curso de Museologia, já em sua nova sede na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), em 1978, embora já antes disso fosse possível identificar iniciativas de produção de exposições como parte de dinâmicas propostas em uma ou outra disciplina.<sup>11</sup>

---

<sup>5</sup> THE TIMES HIGHER EDUCATION. *Impact Rankings 2023*. 2023. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/federal-university-para>. Acesso em: 8 Jun. 2023.

<sup>6</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA). *Resolução nº 3.843, de 19 de março de 2009*. Aprova a criação do curso de bacharelado em Museologia. Disponível em: [https://sege.ufpa.br/boletim\\_interno/downloads/resolucoes/consepe/2009/Microsoft%20Word%20-%203843%20MUSEOLOGIA.pdf](https://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/consepe/2009/Microsoft%20Word%20-%203843%20MUSEOLOGIA.pdf) Acesso em: 10 Jun. 2023.

<sup>7</sup> UFPA. Site da UFPA, 2019. *Comunicação e informação / Cursos da UFPA: Museologia*. Disponível em: <https://ascom.ufpa.br/index.php/cursos-da-ufpa/553-museologia>. Acesso em: 10 Jun. 2023.

<sup>8</sup> BRASIL. *Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984*. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de museólogo. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17287.htm#:~:text=LEI%20No%207.287%2C%20DE%2018%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201984.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Regulamenta%C3%A7%C3%A3o%20da%20Profiss%C3%A3o%20de%20Muse%C3%B3logo](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17287.htm#:~:text=LEI%20No%207.287%2C%20DE%2018%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201984.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Regulamenta%C3%A7%C3%A3o%20da%20Profiss%C3%A3o%20de%20Muse%C3%B3logo). Acesso em: 17 Jun. 2023

<sup>9</sup> SÁ, Ivan Coelho de. “História e memória do curso de Museologia: do MHN à UNIRIO”. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 39, p. 10-42, 2007.

<sup>10</sup> TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. “A trajetória do ensino da Museologia no Brasil”. *Museologia & Interdisciplinaridade*, vol. 2, nº 3, Maio/Jun. 2013.

<sup>11</sup> MORAES, Julia Nolasco Leitão de. “Exposição curricular em tempos de pandemia e ensino remoto: a comunicação museológica frente aos desafios e potencialidades da cultura digital no ensino em Museologia”. *Museologia & Interdisciplinaridade*, vol. 10, nº Especial, p. 295-316, Dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/museologia.v10iEspecial>. Acesso em: 17 Jun. 2023.

As exposições curriculares desempenham um papel crucial ao propiciar aos alunos uma vivência abrangente no campo da museologia. Essa proposta prática visa oferecer aos estudantes a oportunidade de experimentar e engajar-se em todos os aspectos envolvidos na montagem de uma exposição temporária. Nesse contexto, o enfoque não reside na busca pela perfeição e excelência profissional, mas sim na aprendizagem por meio da experimentação, permitindo que os alunos cometam erros e os corrijam ao longo do processo. Através dessa abordagem, almeja-se que os discentes adquiram uma experiência museológica enriquecedora que contribua para o seu desenvolvimento profissional.<sup>12; 13; 14</sup>

Para criar exposições que se conectem com o público, é crucial considerá-lo como ponto de referência.<sup>15; 16</sup> Os museus precisam atualizar seus valores tradicionais, já que anteriormente enfatizavam a especialização curatorial e a conservação de coleções, mas muitas vezes deixavam de lado a consideração pelos visitantes. Esses valores já não se encaixam bem no cenário atual.<sup>17;18;19</sup> O discurso expositivo nos museus necessita levar em conta tanto o contexto, quanto o cotidiano dos receptores – ao mesmo tempo que valoriza a relevância e a autenticidade dos temas e assuntos expostos. A contextualização dos objetos museológicos deve facilitar a transmissão de significados e a criação de conexões entre culturas, grupos e indivíduos de diversas origens e trajetórias. Só assim é possível estabelecer uma interação construtiva entre a exposição, os grupos culturais e o público receptor.<sup>20</sup>

Atualmente, em uma sociedade globalizada, caracterizada pelo armazenamento compulsivo de informações em tempo real e em escala global, surge o desafio de repensar as exposições de forma inovadora no âmbito científico. Diante disso, surgem questões relevantes. Como buscar novos conteúdos? Como promover leituras originais sobre temas

---

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> NUNES, José Luiz da Silva. *Exposição curricular enquanto experiência*. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Museologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> GARCÍA BLANCO, Ángela. *La exposición, un medio de comunicación*. Madrid: Ediciones Akal, 1999.

<sup>16</sup> VOLKERT, James W. *La ley, el axioma y la teoría: tomada de decisión en museos estadounidenses* (Trad. de Carlota Romero). Buenos Aires: [s.n.], 1996.

<sup>17</sup> CURY, Marília Xavier. *Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

<sup>18</sup> HOOPER-GREENHIL, Eilean. *Communication and communities in the post-museum – from metanarratives to constructed knowledge*. Copenhagen: Nordic Museums Leadership Programme, 2001.

<sup>19</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 19.

já conhecidos? Como utilizar novas perspectivas para selecionar imagens previamente divulgadas? Além disso, como estimular os pesquisadores a descobrirem algo novo em um ambiente no qual não existem mais gavetas trancadas, pastas escondidas ou obras desconhecidas?<sup>21</sup> Estas indagações não poderiam ser ignoradas em um curso de Museologia e tais desafios estão cada vez mais presentes nas exposições curriculares. Durante a experiência que compõe este artigo, outra indagação se mostrou ainda mais forte: qual temática seria a mais relevante socialmente?

Criar uma exposição que efetivamente estabeleça um diálogo com o público representa um desafio significativo para pesquisadores e museólogos, demandando tanto um entendimento profundo dos aspectos teóricos quanto habilidades práticas na comunicação científica. Além desses requisitos, é fundamental antecipar e oferecer oportunidades para que o público possa reinterpretar o próprio discurso e atribuir significados a partir da exposição.<sup>22</sup>

Dentro desse escopo, os discentes da UFPA que atuam como curadores das exposições curriculares propuseram diversos temas durante o segundo semestre de 2022, quando, por votação, foi escolhida a representação do coletivo Themônias. Surgiu, então, o conceito da exposição curricular *Themônias: a arte drag na Amazônia*, que será apresentada ao longo deste artigo. A exposição abordou a cultura *drag* na região amazônica, explorando suas manifestações artísticas e sua importância para a comunidade LGBTQIAPN+.<sup>23</sup> A exposição buscou explorar a história, a estética, as *performances* e os significados por trás da arte *drag* na Amazônia, oferecendo uma plataforma para a expressão e a valorização dessas manifestações artísticas. Além disso, a exposição visou promover a visibilidade e o empoderamento da comunidade LGBTQIAPN+ na região amazônica, contribuindo para a quebra de estereótipos e a promoção da diversidade cultural.

A representatividade do grupo LGBTQIAPN+ em espaços culturais e dentro das universidades desempenha um papel vital na construção de sociedades mais inclusivas e

---

<sup>21</sup> FRANCO, Maria Inez Mantovani. *Planejamento e realização de exposições*. Brasília: IBRAM, 2018. (Cadernos Museológicos, vol. 3).

<sup>22</sup> CURY, Marília Xavier. Op. cit.

<sup>23</sup> Sigla que engloba pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexuais, assexuais/arromânticas/agênero, pansexuais/polissexuais, não binárias entre outros gêneros e sexualidades representadas pelo sinal de “+” ao final, simbolizando que a comunidade continua aberta para acolher outras diversidades. É possível retirar ou adicionar algumas letras para representar uma pessoa ou um grupo. Ver: <https://www.unicef.org/brazil/historias/todo-mes-e-mes-do-orgulho>.

conscientes. Ao proporcionar visibilidade e reconhecimento às vivências, histórias e contribuições desse grupo diversificado, esses espaços se tornam plataformas para a promoção do respeito e da igualdade. A presença de narrativas LGBTQIAPN+ em ambientes culturais ajuda a quebrar estigmas e preconceitos, desafiando normas heteronormativas e binárias de gênero. Nestas instituições, a representatividade LGBTQIAPN+ enriquece o aprendizado ao incluir perspectivas diversas, enriquecendo o debate acadêmico e estimulando o questionamento de paradigmas tradicionais. Além disso, tais representações contribuem para a formação de cidadãos mais empáticos e conscientes, que reconhecem a importância da diversidade na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Dentro deste contexto, a Museologia LGBT emerge como um encaixe perfeito, fornecendo uma perspectiva inovadora e um método distinto para entender e representar as experiências LGBT. Essa abordagem, chamada de Museologia LGBT, é uma decisão conscientemente política, transformando a sigla LGBT em um epicentro de debates sobre políticas públicas. Essa decisão tem também um substrato teórico, empregando de forma crítica o conceito de *queer* numa ótica interseccional, com o objetivo de enfrentar as desigualdades impostas às comunidades que divergem da normatividade heterossexual predominante.<sup>24</sup> A exposição em questão vai além de meras representações estereotipadas de *glamour* e exuberância, frequentemente atreladas à cultura LGBT sob as luzes do palco. Ela aprofunda-se nas realidades muitas vezes sombrias enfrentadas por estas comunidades após o apagar das luzes, apresentando um panorama crítico, necessário para promover uma mudança verdadeira. Este enfoque crítico é fundamental para garantir que a museologia não apenas reproduza imagens superficiais, mas reflita genuinamente e contribua para a transformação das vivências LGBT.

Vale ressaltar que este artigo é parte do projeto de extensão universitária “A representação da comunidade LGBTQIA+ paraense por meio da Museologia: uma proposta de curadoria compartilhada de exposição museológica”. A extensão universitária contribui para o desenvolvimento de profissionais cidadãos e posiciona a sociedade como um espaço essencial para gerar conhecimentos relevantes que visam superar as desigualdades sociais. Esta experiência acadêmica alinha as funções de ensino

---

<sup>24</sup> BAPTISTA, J.; BOITA, T.; WICHERS, C. “O que é Museologia LGBT?”. *Revista Memórias LGBT*, vol. 12, 2020, p. 10-16.

e pesquisa das universidades com as necessidades da maioria da população.<sup>25</sup> O projeto tem como objetivo fortalecer a representação de grupo cultural LGBTQIA+ paraense por meio da representação museológica expositiva, visando divulgar o patrimônio cultural local e o pensamento científico por meio de sua patrimonialização. As atividades desenvolvidas foram elaboradas por discentes do curso de Museologia da UFPA, com a supervisão de professores coordenadores. Este projeto de extensão oferece aos estudantes a chance de prestar serviços que beneficiam as comunidades. Ele promove a reflexão sobre problemas sociais e prepara os alunos para o mercado profissional.<sup>26</sup>

Baptista e colaboradores<sup>27</sup> afirmam que a execução de projetos de extensão universitária nesta temática abre caminhos para que professores, alunos e técnicos reflitam mais sobre o papel da universidade e da Museologia como espaços de diversidade na criação de narrativas. Estas iniciativas aumentaram a visibilidade e valorizaram o significado histórico e cultural dos acervos de diferentes grupos sociais, evitando a sua "higienização" ou conformidade com os padrões dos museus tradicionais. Essencialmente, essas parcerias destacam como a universidade pode contribuir com grupos sociais, ultrapassando os limites da extensão universitária que frequentemente não considera a questão LGBT+.

Neste artigo, irá discutir-se brevemente sobre o coletivo representado, os processos envolvidos na exposição curricular, a prática da curadoria compartilhada e as repercussões da exposição na sociedade. Abordar-se-á o papel e a contribuição do coletivo na promoção da diversidade e inclusão, destacando a importância de seu engajamento na concepção e organização da exposição. Também serão explorados os aspectos relacionados à curadoria compartilhada, que envolve a participação ativa de diferentes agentes e comunidades na construção do discurso expositivo. Além disso, serão discutidas as repercussões da exposição, tanto no âmbito acadêmico quanto na sociedade

---

<sup>25</sup> SCHEIDEMANTEL, Sheila E.; KLEIN, Ralf; TEIXEIRA, Lucia I. "A importância da extensão universitária: o projeto construir". *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. Belo Horizonte, 2004.

<sup>26</sup> LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de Lima (Org.). "A representação da comunidade LGBTQIA+ paraense por meio da museologia: uma proposta de curadoria compartilhada de exposição museológica". Projeto de extensão. Belém: Universidade Federal do Pará, 2023.

<sup>27</sup> BAPTISTA, J. T.; CASTRO, T.; BOITA, T. W.; BRAGA, J. L.; VARGAS ESCOBAR, G.; TEDESCO, C.; GIOVANAZ, M.; BRITTO, C.; WICHERS, C. A. de M.; SILVA, A. P.; YNANHIA SILVA DE FARIA, K. "Ensino, pesquisa e extensão em museus e Museologia LGBT+: recomendações *queer* à formação museológica". *Museologia & Interdisciplinaridade*, vol. 11, nº 21, p. 29-52, 2022. DOI: 10.26512/museologia.v11i21.41427.

em geral, enfatizando seu impacto na conscientização, valorização e diálogo em torno das questões LGBTQIAPN+ e da arte *drag* na Amazônia.

## **Metodologia**

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa para examinar o processo de construção da exposição curricular *Themônias: a arte drag na Amazônia*, desenvolvida por discentes e docentes do curso de museologia da UFPA, entre 2022 e 2023. Para alcançar os objetivos traçados, foram utilizados os seguintes métodos de coleta de dados: (1) observação participante: uma observação ativa foi realizada durante o processo de concepção e montagem da exposição, permitindo uma imersão no ambiente de aprendizado universitário e na dinâmica da equipe responsável pela exposição; (2) entrevistas: foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com os organizadores da exposição, incluindo alunos e professores envolvidos, para coletar percepções sobre suas experiências, desafios e objetivos na criação da exposição. Também foram realizadas entrevistas com visitantes da exposição para coletar suas percepções e reflexões sobre o impacto da exposição na promoção da igualdade e inclusão; (3) análise documental: foi realizada uma análise dos materiais documentais relacionados à exposição, como textos curatoriais, registros fotográficos, vídeos e materiais promocionais. Essa análise documental contribuiu para uma compreensão mais aprofundada dos elementos presentes na exposição e do contexto em que ela foi desenvolvida; e (4) pesquisa bibliográfica: foi realizada uma pesquisa em referências (artigos, teses, dissertações etc.) abrangentes sobre museologia, representatividade LGBTQIAPN+, cultura *drag* e contextos específicos da região amazônica. Essa pesquisa auxiliou na fundamentação teórica do estudo e na contextualização dos resultados obtidos.

Os dados coletados foram submetidos a uma análise de conteúdo que permitiu compreender a importância da exposição na criação de espaços seguros e acolhedores para a expressão *drag* na região amazônica, além de promover a visibilidade e valorização da cultura LGBTQIAPN+ e do campo profissional da museologia em si.

## **As Themônias**

Para discutir adequadamente a exposição, é essencial primeiro fornecer uma breve descrição do coletivo que serviu de inspiração para ela. O movimento artístico Themônias

foi criado em 2014, por meio de um baile promovido pela produtora NoiteSuja. Existe uma diferença entre a produtora e o movimento Themônias. A primeira é uma produtora cultural e carrega o nome de seus criadores em cada evento, Maruzo Costa e Matheus Aguiar, as Themônias Simone<sup>28</sup> e Tristan Soledade. Já o movimento Themônias é mais amplo e abarca inclusive outras artes, além do fazer *drag* – algumas são grafiteiras, estilistas e fotógrafas.<sup>29</sup>

O processo de “themonização” não é apenas um processo de uma estética artística única, e não está vinculado a uma única arte, mas sim uma vanguarda artística, um viés de por onde essa arte está sendo produzida. Hoje em dia, parte-se do princípio de que ser Themônia é uma autoidentificação. Se alguém se reconhece como uma Themônia, quem irá dizer que não é? Não há como falar que a themonização é sobre uma estética, pois ela cabe dentro de cada corpo, de acordo com cada corpo. É sobre a potência e a coragem de estar na rua, mostrando o que tem vontade de fazer. Na revista *Themônia*, cuja autoria e edição pertencem a Wan Aleixo, é expressa a ideia de que ser um indivíduo Themônia implica em carregar consigo toda essa bagagem, englobando conhecimentos empíricos, técnicos e artísticos, enquanto se vive a própria época. O momento presente se destaca como a única temporalidade ao nosso dispor, na qual habitamos, interagimos, amadurecemos e vislumbramos um porvir mais próspero, caracterizado por uma compreensão mais profunda, diálogo franco e respeito genuíno pela diversidade.<sup>30</sup>

Hoje, o fazer *drag* do movimento se diferencia do conceito criado para esse tipo de performance, que se originou nos teatros do período elisabetano (de 1558 a 1603), quando mulheres eram proibidas de subir aos palcos, sendo substituídas por homens vestidos com trajes tidos como femininos, constando nos roteiros para atuarem como d.r.a.g. (*dressed as a girl*, “vestida como uma garota”, em português) e tendo destaque, principalmente, nos teatros cúabúqui<sup>31</sup> e encenações de Shakespeare.<sup>32</sup>

---

<sup>28</sup> Grafia com numeral romano, pois é o nome artístico da *drag*.

<sup>29</sup> LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de (coord.). *Projeto executivo da exposição curricular Themônias: a arte drag na Amazônia*. Belém: UFPA, 2023.

<sup>30</sup> ALEIXO, Wan. “Apresentação”. In: *Themônia: manifesto, o hierogrifo nasce manifesto no meio da panthemonica pandemia*. Belém, Set. 2020, p. 4.

<sup>31</sup> Cabúqui é uma das quatro formas tradicionais de teatro japonês (considerado patrimônio intangível da humanidade pela UNESCO em 2005), sendo que os outros são o *nô*, o *kyogen* e o teatro de fantoches *bunraku* (Fonte: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/kabuki.html>).

<sup>32</sup> BRAGANÇA, Lucas. *Fragments da babadeira história drag brasileira*. 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/35812>. Acesso em: 19 Jun. 2023.

Já dentro do movimento, como mencionado anteriormente, o espaço utilizado para extravasar o lado artista de cada uma vai além da caracterização e da maquiagem exagerada. Algumas até abominam o termo, por ser algo limitante – integrantes do coletivo são também mulheres cisgênero, trans e travestis, e, que muitas vezes, não condiz com os vários tipos de manifestações artísticas que interpretam. A Themônia Monique Lafon, por exemplo, usa máscaras de renda e o termo “ritual” para se referir à montagem, já que não passa pelo processo de maquiagem para suas performances, buscando outras formas de conexão ao corpo alterado.<sup>33</sup>

Até 2022 foram realizadas mais de vinte pesquisas acadêmicas a respeito do movimento. Além de fazedoras de cultura, as integrantes dividem suas rotinas entre as *performances* e a vida acadêmica, como a educadora Gabriela Luz, que dá vida à Themônia Sarita, e a jornalista Emanuelle Corrêa, que se tornou a Themônia Ellen Moondarc durante sua pesquisa de mestrado sobre a sociabilidade *drag*, onde categoriza os tipos de *drag* em sereia *drag*, *drag* palhaça e eco *drag*, divergindo da forma mais conhecida de *drag*, a *queen*.<sup>34</sup> O reconhecimento como corpos sociais e políticos vem justamente dessas conquistas tidas como privilégio para alguns. Poder optar por adentrar na academia ou no meio político faz com que essas pessoas, que são historicamente marginalizadas, sejam reconhecidas e elevadas a um nível de representatividade, servindo de modelo e inspiração para aquelas que ainda vivem sob os olhares e padrões de uma sociedade cis-heteronormativa, onde são postas em uma posição de subalternidade.<sup>35</sup>

Também é crucial examinar o contexto do local onde o coletivo se estabelece. Um cenário, em Belém, que reflete o contexto social e político da região é a Festa da Chiquita,<sup>36</sup> um evento com viés político-ideológico, inicialmente criado exclusivamente para o público LGBTQIAPN+, organizado pelo cantor Elói Iglesias.<sup>37</sup> Ainda considerada

---

<sup>33</sup> NASCIMENTO, Juliano Bentes. *Ekoaoverá: um estudo sobre a territorialidade nos processos identitários das drags demônias*. 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11376>. Acesso em: 19 Jun. 2023.

<sup>34</sup> BRANDÃO, Roberta. “Themônias viram um movimento político-cultural de Belém”. *Amazônia Real*, Belém, 4 Maio 2022. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/themonias/> Acesso em: 19 Jun. 2023.

<sup>35</sup> PEREIRA, Wilson Guilherme Dias; HILÁRIO, Rosângela Aparecida; FERNANDES, Estêvão Rafael. “Caixão e velas pretas ao velório do silêncio das LGBTQIA+ amazônidas: diálogos para a emancipação das vozes desviadas da Amazônia”. *ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, vol. 9, nº 20, p. 11-26, 2022.

<sup>36</sup> Realizada no sábado que antecede ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, a festa conta a participação de movimentos sociais, movimentos negros, de prostitutas, de jovens em situação de vulnerabilidade social, além de autoridades políticas e governamentais.

<sup>37</sup> SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. “‘Eu sou a filha da Chiquita Bacana...’ notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará”. *Revista Científica Gênero na Amazônia*, nº 6, p. 183-212, 2022.

uma heresia pela diretoria da festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, uma celebração religiosa que ocorre todo segundo domingo do mês de outubro, reunindo milhões de devotos pelas ruas de Belém do Pará. Em 2004, recebeu o título de patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e, em 2014, o título de patrimônio imaterial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.<sup>38</sup> A Festa da Chiquita é vista como o lado profano da devoção à santa, não sendo considerada no calendário oficial de manifestações por ter em sua organização e no seu público pessoas da periferia, colocadas como marginais e dissidentes, que produzem memória de resistência dentro da maior procissão de fé da América Latina. Ainda na região Norte, na cidade de Abaetetuba, uma figura conhecida pelo nome Sabá da Praça é o representante da comunidade LGBTQIAPN+ do local. Fundador e organizador do Baile Gala Gay da cidade, que acontece há mais de quatro décadas e pode ser considerada a maior manifestação político-cultural da região, foi por inúmeras vezes atacado e instado, sem sucesso, a acabar com o baile pelas autoridades conservadoras políticas e religiosas.<sup>39</sup>

As Themônias, no contexto amazônico, desempenham um papel crucial na formação e afirmação da identidade desse movimento multifacetado. Presença constante na cena artística de Belém, encorajam novas perspectivas, modos de pensamento, observação e a adoção de modelos alternativos de organização dentro da sociedade. Envolve o trabalho de conscientizar a opinião pública sobre a importância do respeito à diversidade, identidade de gênero e sexualidade, que são extremamente relevantes para as contribuições deste e outros grupos culturais.

A temática da exposição foi selecionada com o objetivo de promover, valorizar e homenagear a arte *drag*, assim como o coletivo Themônias. Ambos desempenham um papel importante na *performance*, formação e transformação da realidade social, indo além de suas integrantes.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> BITAR, Helder Fadul; REYMÃO, Ana Elizabeth Neirão. “De Nazaré para Sé: Círio de Nazaré, cultura, economia e direito ao desenvolvimento”. *Revista Direitos Fundamentais & Democracia*, vol. 27, nº 3, p. 50-71, 2022.

<sup>39</sup> RIBEIRO, Mílton; FRANCO, José Luiz de Moraes. “Quatro décadas de resistência *queer*: ativismo LGBTI na Amazônia brasileira”. *Cahiers des Amériques Latines*, nº 98, p. 103-132, 2021.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 31.

### **A nossa exposição curricular**

É possível inferir que os cursos de Museologia no Brasil desenvolvem conhecimentos e formam profissionais cujo foco não está ligado a questões como LGBTfobia, feminicídio, igualdade de gênero e a luta contra preconceitos relacionados. Esse cenário sugere que, ao tratar de museus e teorias museológicas, pode haver uma tendência para abordagens ultraconservadoras, baseadas em uma moralidade que exclui certos grupos. No entanto, percebe-se que a Museologia LGBTQ+ é uma extensão da Sociomuseologia, comprometida com um ensino museológico focado na justiça social, nas políticas públicas e nos direitos humanos. Este campo se dedica a enfrentar e superar as várias formas de exclusão que ainda existem no mundo contemporâneo dos museus e no pensamento museológico.<sup>41</sup> Contrariando essa percepção, a seleção do tema para a exposição curricular de 2023 revela-se ainda mais significativa.

As exposições curriculares proporcionam aos discentes a oportunidade de desenvolver projetos relacionados a temas e questões contemporâneas que despertam seu interesse. Embora esses projetos muitas vezes não possam contar com objetos autênticos de coleções, os alunos têm a liberdade de utilizar cópias e imagens para refletir sobre esses temas e aprimorar suas habilidades de comunicação de maneira criativa. Como um trabalho coletivo, as exposições curriculares expõem aos alunos uma diversidade de perspectivas na sala de aula, incentivando-os a lidar com situações conflitantes e a integrar experiências individuais dentro de concepções coletivas e globais.<sup>42;43</sup>

No currículo do curso de Museologia da UFPA, a comunicação museológica é dividida em diversas disciplinas, sendo que três destas atuam diretamente com a prática da exposição, são elas: Laboratório de Planejamento de Exposições, onde é elaborado o projeto e viabilização da exposição; Laboratório de Desenvolvimento de Exposições, que atua na concepção crítica e prática do que foi planejado; e Exposição Curricular, onde os discentes colocam “a mão na massa”, montando expositores, pintando paredes e coordenando ações educativas, dentre outras atividades.

---

<sup>41</sup> BAPTISTA, J. T. et al. Op. cit., 2022.

<sup>42</sup> MORAES, Julia Nolasco Leitão de. Op. cit.

<sup>43</sup> UZEDA, Helena. “As exposições curriculares como parte do ensino de Museologia: adaptação de modelos europeus e as práticas acadêmicas experimentais na UniRio”. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, vol. 9, nº Especial, 2020.

O processo de criação da exposição foi iniciado em 26 de setembro de 2022 durante a disciplina de Laboratório de Planejamento de Exposições. A dinâmica para a escolha do tema consistiu na formação de grupos, onde cada um era responsável pela elaboração e apresentação de um pré-projeto para a exposição curricular. Neste momento foram apontados pela docente os possíveis contratempos e benefícios didáticos e práticos na execução da proposta para que os discentes pudessem realizar a votação. A maioria da turma escolheu o coletivo Themônias para representar, por ser uma temática que abriria espaço para debate acerca da comunidade LGBTQIAPN+, além da pretensão em alterar o discurso museológico predominante, contando ainda com a possibilidade de praticarem a curadoria compartilhada.

Nos últimos anos, tem-se notado um interesse modesto, porém progressivo, na temática LGBTQ+ no contexto museológico. Entre 2015 e 2018, diversas universidades, incluindo UnB, UFG, UFOP e UFSC, realizaram exposições curriculares que não só proporcionaram valiosas experiências educativas, mas também geraram publicações, monografias, dissertações e outras atividades relevantes para o campo museológico. Entretanto, desde 2018, nota-se uma diminuição na escolha dessa temática pelos estudantes. Alguns estudiosos sugerem que essa redução pode estar relacionada à influência de movimentos ultraconservadores que, após alguns incidentes em instituições museológicas e as eleições presidenciais daquele ano, desencorajaram a adoção desta temática.<sup>44</sup>

Ao longo do desenvolvimento da exposição, diversos desafios técnicos foram enfrentados, todos eles antecipados e dentro do esperado. Vale ressaltar que em nenhum desses momentos anteriores à inauguração a equipe enfrentou alguma adversidade preconceituosa. Pelo contrário, a comunidade universitária se mostrou atenta e positiva quanto ao projeto.

A exposição (figura 1) foi inaugurada em 16 de maio de 2023, às 17h, na Faculdade de Artes Visuais da UFPA, com duração até 30 de junho do mesmo ano. Ela contou com diversos elementos expográficos.

---

<sup>44</sup> Ibidem, p. 43.



Figura 1. Áreas da Exposição: a) Parede de leques instagramável e ficha técnica ao fundo; b) Textos contextualizadores; c) Painel educativo de coleta de impressões; d) Indumentárias do coletivo; e) Máscara 3D; e d) Camarim de montagem. Fonte: Curadores da Exposição Themônias, 2023.

A fim de elucidar a experiência da exposição para o leitor, oferecemos uma descrição detalhada, a partir da perspectiva de um visitante. A jornada começa com a entrada por meio de um corredor (Figura 1, a), servindo como convite aos visitantes para mergulharem no mundo único que os espera. Na entrada, chama a atenção um colorido mural de leques, que se destaca não só como decoração, mas também como um cenário ideal para fotografias memoráveis, promovendo a interação nas redes sociais e dando início ao percurso visual. Próximo, um painel informativo homenageia apoiadores, patrocinadores e curadores, oferecendo um panorama dos criadores da exposição. Este conteúdo curatorial posiciona os visitantes dentro do contexto artístico e temático da mostra.<sup>45</sup>

À medida que avançam, os visitantes se deparam com um texto introdutório que estabelece o tema da narrativa a ser explorada. Este texto é o ponto de partida para uma compreensão mais aprofundada da exposição. Ao longo do percurso, textos explicativos (Figura 1, b) enriquecem os temas abordados, adicionando informações e novas perspectivas à temática central. A exposição inclui ainda uma representação tridimensional da logomarca do coletivo (Figura 1, e), um símbolo marcante da identidade visual do grupo, utilizada também na promoção da exposição. Uma seção especial exhibe

<sup>45</sup> LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; SILVA, Gláucia Batista. “Quebrando as barreiras: uma abordagem inclusiva e interativa na exposição curricular do curso de Museologia da UFPA”. *Revista Práticas em Gestão Pública Universitária*. No prelo.

um documentário produzido pelos alunos em colaboração com o coletivo, proporcionando um olhar mais íntimo e envolvente sobre suas vidas e obras.<sup>46</sup>

Um elemento particularmente fascinante é o “Hierogrito”, um dispositivo interativo que permite aos visitantes experimentarem o som característico do coletivo, imergindo-os em sua atmosfera sonora distintiva. A exposição também contempla um camarim interativo (Figura 1, f), onde os visitantes puderam se envolver e experimentar aspectos da essência do coletivo, estabelecendo uma ligação mais íntima com a sua arte. Para complementar a vivência, algumas vestimentas utilizadas pelo grupo (Figura 1, d) estão expostas, permitindo a apreciação da criatividade e estilo únicos. Uma caixa exibindo imagens das “Haus”, as subdivisões internas do coletivo, revela perspectivas sobre sua estrutura e dinâmica.<sup>47</sup>

Chegando ao fim da experiência, um painel interativo (Figura 1, c) motiva os visitantes a expressarem suas impressões e pensamentos sobre a experiência, promovendo engajamento ativo. Um livro de visitas oferece a chance de registrar uma contribuição pessoal e reflexões acerca da visita. Dessa forma, cada componente da exposição desempenha um papel essencial em proporcionar uma jornada cativante e educativa, conectando os visitantes ao ambiente vibrante e diverso do coletivo.<sup>48</sup> No geral, a exposição *Themônias: a arte drag na Amazônia* buscou proporcionar uma experiência de aprendizado efetivo e intensa sensação aos visitantes, promovendo a inclusão e o diálogo sobre a arte *drag* na região amazônica.

### **Curadoria compartilhada**

No contexto das exposições em museus brasileiros, é perceptível a presença de padrões repetitivos nos elementos expográficos, baseados em estudos de *design*, cor, iluminação, entre outros. No entanto, essas repetições podem gerar uma sensação de falta de criatividade. Os alunos, após estudarem a teoria da expografia, tendem a acreditar que devem seguir regras inflexíveis, o que cria uma barreira quando precisam exercitar sua imaginação, especialmente considerando as limitações orçamentárias de uma exposição curricular, como no caso do curso de Museologia do Pará

---

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem.

É evidente que os alunos acabam reproduzindo o que já existe, devido ao seu contato limitado com exposições inovadoras. A maioria deles, de perfil socioeconômico mais baixo, tem acesso apenas a imagens dessas exposições por meio de aplicativos como o *Google Arts and Culture* ou por meio de exemplos trazidos para a sala de aula. Mesmo os espaços culturais, em Belém, continuam reproduzindo os mesmos padrões, contribuindo para essa falta de variedade e inovação.

A curadoria compartilhada, típica das exposições curriculares, possibilita quebrar a monotonia da reprodução do já existente, oferecendo aos alunos uma experiência mais abrangente e diversificada com variadas ideias. Esta abordagem exige a participação ativa de aproximadamente trinta alunos na seleção e organização dos elementos expográficos, favorecendo a expressão de suas perspectivas e experiências individuais. Além disso, promove a colaboração entre discentes e docentes, estimulando trocas de ideias e superando a falta de variedade e inovação, o que amplia as oportunidades de aprendizado e incentiva a criatividade dos estudantes. Essa interação entre os alunos permite superar as barreiras criativas de diversas maneiras. Ao compartilhar suas experiências e perspectivas, os alunos fomentam uma compreensão e empatia mútuas. Isso também os expõe a novas formas de pensar, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e resolução de problemas. Ela é um processo colaborativo que envolve diversas partes interessadas na seleção, organização e disponibilização de recursos. Destaca-se que essa abordagem demonstra eficácia ao assegurar sua acessibilidade e relevância para um público mais amplo. No âmago desse método encontra-se a cooperação entre diferentes agentes, que se unem para identificar e classificar os recursos com base em critérios preestabelecidos. Ao transcender as barreiras de uma única entidade curadora, ela possibilita uma melhor gestão dos recursos, melhorando a experiência geral dos usuários.<sup>49;50</sup>

Embora com claros méritos, essa abordagem também encara desafios. A necessidade de estabelecer uma linguagem comum para facilitar a comunicação entre os colaboradores é um dos obstáculos cruciais. Além disso, a definição de protocolos sólidos para a seleção e compartilhamento de recursos é essencial para evitar conflitos e garantir

---

<sup>49</sup> DUTRA, Mariana Ratts. *Curadoria compartilhada na experiência de mediação cultural no Museu de Arte Contemporânea do Ceará*. Dissertação de mestrado em Teoria da Arte e Expressão Artística. Recife: Centro de Artes e Comunicação/UFPE, 2014.

<sup>50</sup> RUSSI, Adriana; ABREU, Regina. “Museologia colaborativa: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas”. *Horizontes Antropológicos*, 2019, p. 53.

a qualidade da curadoria. Não obstante, os benefícios da curadoria compartilhada superam amplamente as dificuldades inerentes.<sup>51</sup>

A curadoria compartilhada com grupos externos da sociedade pode ser uma maneira de expandir o alcance das exposições curriculares e tornar o aprendizado mais relevante para os alunos. Ao trabalhar com grupos externos, os alunos podem estudar sobre diferentes culturas e perspectivas. Eles também podem instruir-se sobre diferentes maneiras de aprender e ensinar. Isso pode ajudar os alunos a desenvolver suas habilidades de pensamento crítico e resolução de problemas e se tornarem cidadãos mais informados e ativos.

O compartilhamento de saberes revelou-se a pedra angular na concepção desta exposição. O coletivo Themônias desempenhou um papel direto em todas as etapas e processos da exposição, demonstrando um comprometimento profundo com a integração e diversificação de perspectivas. Ao adotar essa abordagem colaborativa, o coletivo não apenas ampliou a riqueza do conteúdo apresentado, mas também fomentou uma atmosfera de inclusão e participação ativa. O engajamento do coletivo Themônias em todas as fases da exposição não somente enriqueceu o cenário artístico, mas também proporcionou uma experiência autêntica e holística aos visitantes, reforçando a importância do compartilhamento de conhecimento como motor de construção coletiva e empoderamento.

A curadoria compartilhada na nossa exposição exemplifica uma abordagem inclusiva e colaborativa, fundamental para representar autenticamente a comunidade LGBTQIA+. Este processo teve início com uma imersiva roda de conversa de quatro horas com a Themônia Skyysime. Esse diálogo inicial foi crucial, permitindo aos curadores entrelaçar seus conhecimentos acadêmicos com as vivências e a essência do coletivo. Essa interação não apenas enriqueceu a perspectiva dos curadores, mas também assegurou que a exposição refletisse genuinamente as experiências e identidades do grupo desde o início.

Durante a fase de desenvolvimento, a participação contínua das Themônias manteve-se como um pilar da curadoria compartilhada. Consultas periódicas e apresentações do projeto ao coletivo possibilitaram um intercâmbio de ideias e conceitos, garantindo que a exposição evoluísse de maneira a respeitar e destacar a identidade do

---

<sup>51</sup> Ibidem.

grupo. Essa colaboração contínua foi vital para incorporar a representatividade LGBTQIA+ na narrativa da exposição de forma genuína e respeitosa.

Além disso, a exposição foi marcada por uma série de eventos colaborativos, culminando na “Oficina de maquiagem *drag* Themônias”, oferecida em parceria com a Thêmonia Celeste Volúpia. Esta atividade não só proporcionou uma experiência prática e envolvente para os visitantes, mas também serviu como uma plataforma para a expressão artística e a partilha de histórias e experiências das Themônias. Juntamente com outras atividades, como a palestra “Ser Themônia: a arte *drag* amazônica” e o relato “Experiência de artista trans: Mussi, Flores e Almeida”, com as Themônias Amoras e Bacu Rabazônia, a oficina ilustrou vividamente a riqueza e a diversidade da cultura LGBTQIA+ na Amazônia. Através dessas interações, a exposição não apenas educou o público sobre a importância da representatividade LGBTQIA+, mas também celebrou a arte, a identidade e as vozes únicas do coletivo, destacando o papel crucial da curadoria compartilhada na criação de uma exposição verdadeiramente inclusiva e representativa.

A colaboração das integrantes do coletivo Themônias, direta e indiretamente, foi fundamental no desenvolvimento da temática da exposição. Através dela, os discentes puderam desenvolver um olhar mais empático e tentar transmitir o discurso museológico o mais próximo possível do que é a realidade em ser e fazer parte do coletivo, por meio do olhar de quem faz parte da vivência do movimento diariamente, visto que nenhum de nós estava familiarizado com o fazer *drag* ou fazia parte do coletivo.

Acredita-se firmemente que essa exposição, por meio de suas ações inovadoras de curadoria compartilhada, exemplifica a prática da Museologia LGBT ao trazer à tona narrativas e perspectivas que desafiam a normatividade heterossexual e promovem uma maior inclusão. Neste contexto de curadoria compartilhada, a exposição não apenas celebra a diversidade, mas também se alinha com os princípios da Museologia LGBT, utilizando-se de métodos interseccionais e críticos para questionar e redefinir as representações tradicionais no campo museológico.

### **Discussões sobre sustentabilidade e representatividade**

A exposição *Themônias: a arte drag na Amazônia* foi um projeto inovador que contribuiu para a promoção da igualdade, da inclusão e do respeito pela diversidade na região amazônica. Ela foi um espaço seguro e acolhedor para a expressão *drag* e promoveu a visibilidade e valorização da cultura LGBTQIAPN+. Nos deteremos aqui a

uma análise mais aprofundada de três aspectos existentes a esta experiência museológica: a sustentabilidade, a representatividade e a reciprocidade.

As palavras “sustentabilidade” e “sustentável” são algumas das mais utilizadas na atualidade pelos governos, empresas e meios de comunicação, e são uma forma de valorizar os produtos e serviços oferecidos por esses meios. A preocupação tanto com os biomas quanto com as gerações do presente e do futuro são as bases do conceito de sustentabilidade, já que atualmente é comum as empresas fazerem *greenwash*, que é quando se escondem atrás de uma cortina verde para mascarar suas falsas ações em defesa do meio ambiente e da responsabilidade social.<sup>52</sup>

O discurso do coletivo a respeito da sustentabilidade se apresenta através das chamadas *Themônias eco drag*, que são as integrantes que utilizam lixo em suas roupas, parcial ou totalmente, dando outra destinação ao material descartado pela população, sejam eles recicláveis ou orgânicos, em apresentações com cunho político e de apelo público para as causas ambientais e sociais.<sup>53</sup> A principal produtora desse tipo de ativismo é a *Themônia Sarita*, que abre a discussão a respeito da pobreza como estética, e das características de ser *drag* na região Amazônica, por conta do clima e da falta de recurso financeiro, o que acaba por tornar inviável uma montagem dita padrão: com várias camadas de maquiagem e materiais exorbitantes. Então a alternativa é utilizar materiais sustentáveis, em que o papel é transformado em cílios postiços, garrafa pet é transformada em unhas, e o que antes se faria invisível e só seria visto quando entupisse um bueiro gerando transtorno, agora é visível fazendo parte de um corpo que também gera estranhamento, assim como o lixo.<sup>54</sup>

Sustentabilidade é uma das preocupações que trazemos para dentro da Museologia na disciplina de exposição na UFPA. Durante o processo de montagem da exposição, devido ao orçamento limitado e à falta de patrocínio, vários materiais foram doados ou reaproveitados. Expositores dos textos, painel do camarim, painel do documentário, palco e espelhos dos manequins, além da moldura da *Haus*, foram alguns dos objetos reutilizados de exposições anteriores, que pertencem à faculdade e que foram

---

<sup>52</sup> BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é-o que não é*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

<sup>53</sup> NASCIMENTO, Juliano Bentes. Op. cit.

<sup>54</sup> TRÓI, Marcelo de. *Artivismos, religiosidades, Themônias e ecodrags: notas sobre corpos dissidentes no Pará*. 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52010/1/2019\\_art\\_mtroi.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52010/1/2019_art_mtroi.pdf). Acesso em: 23 Jun. 2023.

emprestados ou doados pelos discentes e seus familiares.<sup>55;56</sup> Tais ações demonstram os esforços em prol de ações sustentáveis. Pauta essa que conversa não apenas com a realidade do coletivo, como mencionado, mas também com as definições e conceitos atuais do campo museal.

Uma exposição sustentável em um ambiente museológico pode ter um impacto significativo em várias dimensões. Além de promover a conscientização sobre questões ambientais e sustentáveis, ela também pode inspirar mudanças de comportamento dos visitantes, incentivando-os a adotar práticas mais sustentáveis em suas próprias vidas. Além disso, ela pode desempenhar um papel importante na construção da imagem e reputação da própria instituição. À medida que a preocupação com a sustentabilidade cresce globalmente, os visitantes valorizam cada vez mais instituições que demonstram um compromisso genuíno com práticas e valores sustentáveis. Isso pode resultar em um aumento na visitação e no apoio à instituição, tanto financeiramente quanto por meio de voluntariado e participação em programas educativos.

Outro impacto relevante é a colaboração e parceria potencial que uma exposição sustentável pode gerar. Ao abordar temas contemporâneos e urgentes, o local pode estabelecer conexões com organizações, especialistas e comunidades engajadas em questões sustentáveis. Isso não apenas amplia o alcance da exposição, mas também estabelece o museu como um *hub* para discussões e soluções relacionadas à sustentabilidade. Ela pode servir como um exemplo concreto para outras instituições culturais e museus, incentivando-os a adotar práticas mais ecológicas. Isso cria um efeito cascata positivo na indústria cultural como um todo, contribuindo para um movimento mais amplo em direção à sensibilização ambiental e a ações concretas em benefício do planeta.

Uma exposição sustentável não apenas impacta o público visitante, mas também influencia a percepção do museu, promove colaborações e inspira mudanças em larga escala em direção à sustentabilidade. Enquanto a sustentabilidade oferece um caminho para preservar nosso patrimônio cultural e natural, é imperativo também abordar a representatividade. Tais temas nos levam a refletir sobre como as práticas museológicas podem abraçar e destacar as diversas vozes e identidades presentes em nossa sociedade.

---

<sup>55</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>56</sup> LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de (coord.). “Themônias: a arte *drag* na Amazônia”. Relatório final do projeto executivo da exposição curricular. Belém: UFPA, 2023.

As exposições museológicas no Brasil têm enfrentado desafios em relação à representatividade e reciprocidade. Historicamente, muitas exposições têm reproduzido narrativas hegemônicas e excluído vozes marginalizadas.<sup>57</sup> Isso tem levantado questões sobre a falta de diversidade e inclusão nos espaços expositivos, assim como a necessidade de abordar de forma mais equitativa as histórias e perspectivas dos diversos grupos sociais presentes no país.

Além disso, a reciprocidade também tem sido uma preocupação, pois é essencial estabelecer relações mais equilibradas e justas com as comunidades e os grupos representados nas exposições. Isso implica em uma abordagem participativa, que envolva as comunidades desde a concepção até a apresentação final das exposições, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas. A busca por representatividade e reciprocidade nas exposições museológicas é um caminho fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, plural e inclusiva, onde diferentes histórias e experiências sejam valorizadas e reconhecidas.

As exposições museológicas são mais do que meros discursos ou meios de preservar memórias de objetos ou pessoas; elas carregam um tema ou ideologia política voltada para a ação e o bem-estar comunitário. Sua eficácia se manifesta quando a sociedade interage com seu patrimônio. Para planejá-las efetivamente, é essencial integrá-las a pesquisas e ações culturais, abrangendo dois eixos principais: a salvaguarda, que engloba estudo, documentação e conservação; e a comunicação, que inclui a própria exposição, projetos educativos, ações socioculturais e avaliação. Portanto, as exposições devem cumprir um papel social significativo, refletindo aspectos do cotidiano, seja passado, presente ou futuro, contribuindo, assim, para a geração e disseminação de conhecimento com e para a sociedade.<sup>58</sup>

A comunidade acadêmica demonstrou interesse e curiosidade em relação ao tema escolhido para a exposição curricular. Estudantes da UFPA pertencentes ao movimento LGBTQIAPN+ sentiram-se acolhidos, reconhecidos e representados pela temática abordada, proporcionando diálogos enriquecedores e provocando debates acerca das

---

<sup>57</sup> PASSOS, Ana Helena Ithamar; PUCCINELLI, Bruno; ROSA, Waldemir. “As narrativas hegemônicas como normativas excludentes: raça, gênero e sexualidade”. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação do SESC*, p. 7-22, 2019.

<sup>58</sup> CUNHA, Marcelo. “A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial”. *Revista Magistro*, vol. 1, nº 1, 2010.

vivências, através das visitas e ações educativas, como palestras, oficinas e rodas de conversa.

A representatividade é um tema importante abordado na exposição analisada. O projeto executivo<sup>59</sup> previa a seleção de mediadores voluntários dos cursos de Museologia, Artes Visuais e Letras - Libras e Língua Portuguesa, buscando diversidade e inclusão. O edital de chamamento para esta atividade priorizou os grupos representados na exposição, visando promover o lugar de fala desta comunidade.

Além disso, houve um evento específico sobre relatos de experiências de artistas trans, destacando a importância da representatividade dentro do espaço acadêmico. A exposição também buscou promover a inclusão social e o diálogo, especialmente com a comunidade LGBTQIAPN+ por meio das redes sociais.

Não obstante ser um assunto que ainda está longe de ser habitual no curso de museologia da UFPA, e por ser a primeira exposição curricular com a temática voltada à comunidade LGBTQIAPN+, no dia 29 de maio foi constatada uma invasão à sala de exposições, atitude considerada como retaliação pelos curadores. Expositores e objetos, como as paletas de maquiagem, foram danificados (Figura 2).



Figura 2. Expositores danificados em ato de vandalismo: a) Livro de registro riscado; b) Peças do expositor interativo de montagem jogadas pelo chão; c) Expositor de texto rasgado; c) Maquiagem do expositor interativo de montagem revirada. Fonte: Curadores da Exposição Themônias, 2023.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 31.

Importante destacar que a luta contra a LGBTfobia não deve ser vista apenas como um ato de benevolência individual, mas como uma questão de legalidade e direitos. No Brasil, a LGBTfobia foi oficialmente criminalizada em 2019, quando o Supremo Tribunal Federal associou essa forma de discriminação à Lei do Racismo (Lei nº 7.716/1989).<sup>60</sup> Com isso, a legislação brasileira passou a classificar como crime a discriminação baseada em orientação sexual e identidade de gênero.<sup>61</sup> Esta criminalização ganha uma relevância ainda maior no contexto do ato de vandalismo ocorrido na exposição, demonstrando a necessidade urgente de aplicação e respeito à lei no combate à discriminação baseada em orientação sexual e identidade de gênero no ambiente museológico e na sociedade em geral.

O ato de vandalismo que afetou a exposição resultou em danos visíveis e tangíveis. No entanto, paradoxalmente, trouxe benefícios à divulgação, pois conseguiu se inserir na onda de entusiasmo gerada pela mídia (como evidenciado pelo envolvimento das postagens relacionadas ao incidente no Instagram). Isso originou uma forma de publicidade espontânea que, por razões óbvias, não fazia parte do planejamento inicial do projeto.

Notas de apoio, solidariedade e repúdio ao ato foram veiculadas por instituições em diversos meios. Listamos aqui algumas: Jambu Portal; Observatório de Censura à Arte; Portal G1; Centro Acadêmico de Museologia (CAMUSEO); *Revista Memórias LGBTQIA+*; Conselho Federal de Museologia; Cátedra Sociomuseologia da UNESCO, da Universidade Lusófona de Portugal; Instituto Brasileiro de Museus; Centro Acadêmico de Sistemas de Informação/UFGA; Comitê Internacional de Museus - Brasil; Liga de Cuidados Integrais à Diversidade Sexual e de Gênero – LACIGS; Conselho Regional de Museologia, Primeira e Quarta Região; Museu Bajubá; dentre outros.

Como reação ao acontecimento, foi promovida uma iniciativa educacional, o “visitação”. Esta ação resultou em uma expressiva participação de público. Além disso, esse esforço desencadeou a colagem de “lambes” nas proximidades do prédio anexo da

---

<sup>60</sup> BRASIL. *Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989*. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17716.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm). Acesso em: 14 Nov. 2023.

<sup>61</sup> BAPTISTA, Jean et al. “Sexualidade, gênero, raça e classe no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram): por uma guinada *queer* interseccional e decolonial”. Texto base para o dossiê “Memória, Museologia LGBTQIA+ e museus nacionais”. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, vol. 57, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/266/179>. Acesso em: 14 Nov. 2023.

FAV, local que abrigou a exposição.<sup>62</sup> A UFPA tratou o incidente como uma questão séria desde o início, tomando todas as medidas necessárias para iniciar uma investigação. No entanto, até novembro de 2023, não foi divulgada nenhuma comunicação oficial acerca da solução do caso.

### **Considerações finais**

Os dados coletados foram submetidos a uma análise de conteúdo, visando identificar temas, padrões e percepções relevantes. Essa análise permitiu compreender a importância da exposição na criação de espaços seguros e acolhedores para a expressão *drag* na região amazônica, além de promover a visibilidade e valorização da cultura LGBTQIAPN+ e da própria museologia como campo profissional.

O retorno recebido dos visitantes foi positivo. No painel de avaliações foram contabilizadas 444 notas com recados, sugestões, comentários positivos e desenhos criativos referentes à exposição. Para as integrantes do coletivo, que atuaram na curadoria participativa e como palestrantes das ações educativas, a exposição foi realizada com cuidado e carinho, sendo as falas das mesmas sobre as vivências dentro do coletivo durante os eventos uma ferramenta de propagação de quem são e o que são, ressaltando que não são apenas um grupo de *drags* e sim um movimento artístico plural.

Já para os discentes a experiência foi gratificante e esclarecedora, pois muitas vezes tiveram que lidar com situações em que precisaram pensar e agir como se estivessem atuando como profissionais de museologia. Sob a orientação da coordenadora, eles puderam aprender a desempenhar atividades relacionadas à marcenaria, pintura, produção artística e textual, além de desenvolverem as habilidades já existentes que auxiliaram na montagem da exposição.

Alguns passos futuros ficaram em aberto após o encerramento da exposição. Os discentes ainda anseiam poder atender aos convites recebidos para a exibição do acervo em outras galerias e que a proposta da exposição seja um instrumento catalisador para o convite ao debate a respeito da comunidade LGBTQIAPN+ e para a promoção do coletivo Themônias.

---

<sup>62</sup> Ibidem, p. 59.

### **Agradecimentos**

Os autores agradecem aos especialistas que contribuíram para esta pesquisa. Reconhecem o trabalho valioso dos revisores que mesmo de forma anônima, contribuíram majoritariamente para o aprimoramento deste documento. O projeto aqui apresentado não poderia acontecer sem o apoio da Universidade Federal do Pará, por meio do Instituto de Ciências da Arte, da Faculdade de Artes Visuais e do curso de Museologia da UFPA que sediaram o evento.

Agradecem, também, aos discentes Aimée Oliveira, Andreza Melo, Angey Soares, Bruna Maranhão, Carlos Trindade, Edinalma Dias, Elizabete Santos, Everton Serêjo, Gisele Carvalho, Glaucia Silva, Jomara Santos, Jonathan Moura, Josiney Silva, Júlia Soares, Luana Silva, Ramon Alcantara, Sabrina Santos, Samara Silva, Tamires Pinheiro, Tiago Souza, Wemerson Barreto e Yasmin Corrêa, pela dedicação e esforço com que realizaram a curadoria da exposição, bem como aos integrantes do coletivo Themônias Alecson Castro e Juliano Bentes, que contribuíram compartilhando seus conhecimentos e apoiando o projeto.